

TRABALHO ELABORADO POR PAOLA FAJONNI

www.pfconteudo.wordpress.com

NÃO FAÇA PLÁGIO

REDAÇÃO DE TEMÁTICA LIVRE

O norte de Westeros sob uma perspectiva antropológica

O presente trabalho consiste em uma redação livre que discorrerá sobre temas e problemáticas que, demonstrarei, irão relacionar-se com conceitos, abordagens e/ou métodos apresentados em obras de Fredrik Barth, E.E. Evans-Pritchard, Roberto DaMatta, Adam Kuper e Claude Lévi-Strauss. O local onde os fenômenos estudados ocorrem, ou seja, o campo constitui-se no universo ficcional de “As Crônicas de Gelo e Fogo”, saga do escritor George R.R. Martin. Ela é formada, até o presente momento, por cinco livros que serviram como principal fonte de pesquisa para esta análise: A Guerra dos Tronos, A Fúria dos Reis, A Tormenta de Espadas, O Festim dos Corvos e A Dança dos Dragões.

As narrativas descritas na série passam-se em dois continentes, Essos e Westeros. Este é o que interessa aqui, já que é nele que se dão os fenômenos analisados. Cabe, portanto, uma breve descrição da organização espacial-administrativa, dos sistemas político, social, econômico e religioso de Westeros, além de sua história.

O continente é dividido em Sete Reinos e em uma vasta área conhecida como “Para Lá da Muralha”, que compreende as terras ao norte da Muralha (detalhada abaixo). Os Sete Reinos consistem em nove regiões administrativas, cada uma delas protegida/governada pelo patriarca - ou, raramente, matriarca - de uma família nobre. Essas famílias e seus vassalos, por sua vez, são subordinados ao rei. A divisão regional e o domínio político-administrativo são explicitados, respectivamente, nas figuras 1 e 2.

Os Sete Reinos de Westeros são:

- **Reino do Norte:** governado pela família Stark (ou Casa Stark), representada na figura 2 pelo lobo cinza na área branca;
- **Reino do Vale e da Montanha:** governado pela Casa Arryn, cujo símbolo é a águia;
- **Reino das Ilhas e dos Rios:** governados pela Casa Greyjoy (Ilhas de Ferro), cujo símbolo é a lula, e pela Casa Tully (Terras Fluviais), representada pelo peixe;
- **Reino do Rochedo:** corresponde às terras ocidentais, governadas pela Casa Lannister, cujo símbolo é o leão;
- **Reino da Campina:** governada pela Casa Tyrell, representada na figura 2 pela rosa dourada em um campo verde;
- **Reino das Terras da Tempestade:** governado pela Casa Baratheon, cujo símbolo é o veado;
- **Reino de Dorne:** governado pela Casa Martell, representada pelo sol atravessado pela lança.

Esses reinos totalizam oito regiões administrativas, as quais somam-se as Terras da Coroa, governadas por aquele que ocupa o trono. Na figura 2, tais terras correspondem à área em que figura o dragão de três cabeças, símbolo da Dinastia Targaryen. Os Targaryen, porém, já não governam Westeros; foram depostos em uma rebelião, a partir da qual ascendeu ao trono a Dinastia Baratheon.

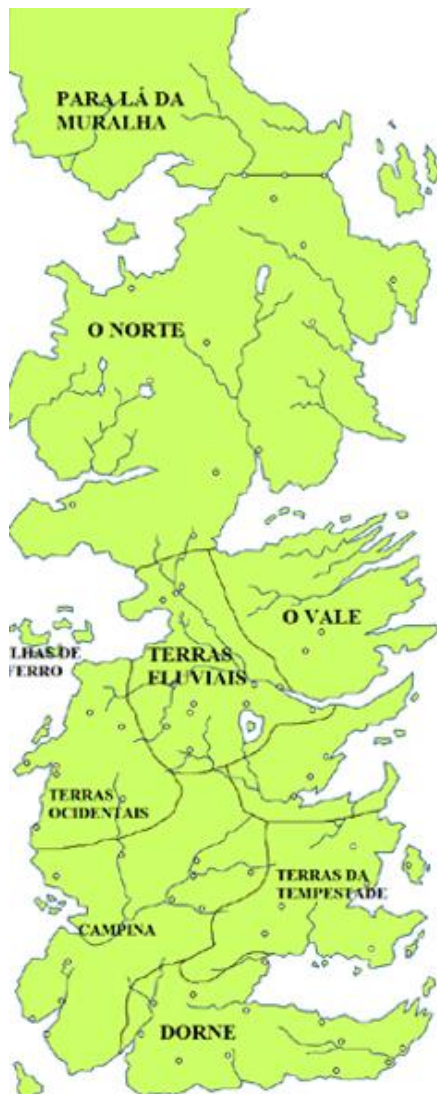


Figura 1 - Divisão regional de Westeros
Fonte: Wiki Game Of Thrones BR¹



Figura 2 - Divisão administrativa de Westeros
Fonte: Wiki Game Of Thrones BR²

Apesar dos reinos serem controlados por famílias tradicionais de nobres, em cada reino há outras famílias nobres - vassalãs da família/casa governante -, que, por sua vez, têm vassalãs. Basicamente, a população de Westeros é iletrada e a sociedade é rural, baseada no modelo feudal, apesar de existirem vilarejos e vilas independentes, vilas portuárias com significativa importância econômica e poucas cidades em que predominam o comércio e a manufatura, caso de Porto Real, sede da coroa. Há também comércio entre os reinos e com cidades-estados do continente Essos, porém, com exceção das Terras da Coroa, as regiões de Westeros tendem a ser autossuficientes.

As moedas que circulam no continente são os dragões de ouro, veados de prata e estrelas de cobre, cujas cunhagens são controladas pelo Mestre da Moeda, principal conselheiro de finanças do rei.

Quanto às religiões, a oficial é a Fé dos Sete ou “a Fé”, que idolatra sete divindades - a saber: a Mãe, o Pai, o Guerreiro, o Ferreiro, a Donzela, a Velha e o Estranho (a morte). Também há as crenças no Deus Afogado, nas Ilhas de Ferro; no Deus Vermelho, ou R'hllor, o Senhor da Luz, popular em Essos, mas que ganha cada vez mais espaço em Westeros; e nos Deuses Antigos, que têm adeptos em massa no Norte e nas terras Para Lá da Muralha.

Descrições mais detalhadas dos sistemas político, social, econômico e religioso não cabem aqui. Todavia, é importante citar que fala-se nos Sete Reinos uma única língua - chamada “Idioma

Comum” e trazida pelos Ándalos - e também descrever algo da história e da origem dos milhões de habitantes do continente, a fim de chegar aos atores desta análise.

O ano 1 do calendário de Westeros é aquele em que começa o primeiro reinado Targaryen. Aegon Targaryen, também conhecido como “Aegon, o Conquistador”, desembarcou em Westeros vindo de Essos e, pela guerra, conquistou e unificou o continente - à exceção de Dorne, que resistiu e foi anexado posteriormente através de um acordo. O que era sete reinos independentes torna-se um único reino sob o domínio da Dinastia Targaryen, que durou quase 300 anos. O ano em que tem início tal dinastia consiste no ano 1 d.C. (depois da Conquista) ou simplesmente ano 1, sendo que toda a história de Westeros anterior ao reinado de Aegon Targaryen é conhecida como antes da Conquista (a.C.).

A história conhecida de Westeros remonta a 12.000 a.C., sendo o período anterior a este chamado de pré-história. Segundo Martin, Garcia Junior e Antonsson (2014), na pré-história, o continente não era habitado por homens. Os nativos consistiam em pequenos seres humanoides e mágicos, profundamente ligados à natureza, chamados Filhos da Floresta; gigantes e outras criaturas mágicas.

Em 12.000 a.C., os Primeiros Homens migraram para Westeros cruzando um istmo no extremo sul. Esses são os primeiros homens e mulheres a pisarem no continente e imediatamente entram em confronto com os Filhos da Floresta, que destroem o istmo para interromper a passagem de seus inimigos. A guerra entre os dois grupos durou aproximadamente 2 mil anos, chegando ao fim após uma negociação de trégua conhecida como O Pacto. Depois deste tratado, os Filhos da Floresta limitaram seus domínios às florestas, e os homens passaram a habitar os demais territórios, dando início a uma coexistência pacífica. Com o tempo, os humanos adotam a religião dos nativos, a fé nos Deuses Antigos das Florestas, que são "espíritos da natureza" que vivem em bosques sagrados, onde crescem "árvores divinas" chamadas árvores-coração.

O Pacto marcou o fim da Era da Aurora e o início da Era dos Heróis, na qual viveram grandes homens e mulheres e surgiram muitas família/casas nobres. Esta era dura, estima-se, entre 10 mil a.C. e 6 mil a.C. e foi riquíssima para a cultura do continente, pois os acontecimentos do período deram origem a histórias, lendas e canções que resistiram ao tempo.

Foi durante a Era dos Heróis que houve um inverno rigoroso e longuíssimo – as estações em Westeros têm durações diferentes e aleatórias – durante o qual o sol não surgiu. Ainda de acordo com Martin, Garcia Junior e Antonsson (2014), foi nesta época da “Longa Noite” que os Outros saíram das Terras de Sempre Inverno - no mais extremo norte do continente - e migraram para o sul.

Os Outros são uma raça humanoide e sobrenatural, supostamente feita de gelo, capaz de “ressuscitar” os mortos, que transformam em criaturas de seus exércitos. A história diz que os Outros viram seu fim após os Filhos e os Homens se unirem para derrotá-los no que ficou conhecido como a Batalha da Alvorada. O inimigo, então, foi enviado de volta às regiões setentrionais congeladas.

Ao fim da Longa Noite foi construída uma estrutura para manter os Outros para sempre afastados: a Muralha, que consiste em uma muralha de gelo com mais de 200 metros de altura e aproximadamente 500 km de extensão localizada na fronteira norte dos Sete Reinos. Ao norte da Muralha ficam as terras de Para Lá da Muralha e, muito além destas, as Terras de Sempre Inverno.

Junto à construção da Muralha, foi criada uma irmandade para protegê-la: a Patrulha da Noite. Ela é formada apenas por homens, que vivem em fortalezas construídas ao longo da Muralha, a qual juram guardar. Uma vez juramentado à Patrulha, o voto só chega ao fim com a morte.

A construção da Muralha, todavia, não expulsou os grupamentos humanos que viviam no extremo norte. Acontece que os homens e as mulheres dali ficaram isolados do restante do continente pela imensa estrutura.

Até então, todos os humanos que habitavam Westeros eram descendentes dos Primeiros Homens. Estima-se que apenas a partir de 6.000 a.C. - há diferentes versões para esta data na história de Westeros - outro grupo humano tenha chegado ao continente, desta vez vindo por mar. Tal grupo saiu da Colinas dos Ándalos, em Essos, e acreditava ser guiado pelas divindades da Fé dos Sete.

Os Ándalos desembarcaram na região posteriormente conhecida como o Vale, começaram a explorar e habitar o continente. Logo entraram em conflito com os Primeiros Homens e os Filhos da Floresta. Frente à guerra, os Filhos migraram cada vez mais para o norte, até que passaram a habitar somente a região Para Lá da Muralha.

Por séculos os Ándalos imigraram e exerceram seu domínio, em um período conhecido como “A Invasão dos Ándalos”. Em 3.000 a.C., este grupo havia erguido seis poderosos reinos, sendo que apenas o reino ao norte resistiu aos Ándalos e manteve-se como território dos Primeiros Homens. Esta época - de 3.000 a.C. a 2 a.C. - é a época da formação e consolidação dos Sete Reinos. O último reino formado foi na região de Dorne, através de uma aliança de casamento entre o Lorde Mors Martell e a líder do povo Roinar, Nymeria, em aproximadamente 700 a.C. Na ocasião, os Roinares saíram de Essos fugindo de um confronto direto com Valíria, que desejava expandir suas colônias - o Império Valiriano, n'As Crônicas de Gelo e Fogo, é uma espécie de Império Romano; como tal, viu sua ascensão e queda.

Os Sete Reinos, cada um governado por um monarca, assim mantiveram-se até a chegada de Aegon Targaryen, o Conquistador, que unificou os reinos, como foi relatado acima.

Conclui-se, deste modo, a narrativa resumida da história de Westeros. Compreender o passado do continente e de seus habitantes é relevante para compreender o passado e a formação das populações nortenhas, protagonistas desta análise.

Populações das terras de Para Lá da Muralha

Como descrito, homens e mulheres ficaram isolados do restante de Westeros com a construção da Muralha. Tais homens e mulheres, descendentes dos Primeiros Homens, vivem nas terras de Para Lá da Muralha desde A Era dos Heróis, ou seja, desde ao menos 6.000 a.C. - há pelo menos 6.300 anos, uma vez que o calendário westerosi está no ano 300³.

Com o passar desses 6.300 anos, a existência dos Outros se tornou um mito, e a função da Muralha e da Patrulha da Noite passou a ser a de manter as populações que vivem Para Lá da Muralha afastadas. Contudo, ocorreram invasões dos povos que vivem ao norte da Muralha às terras ao sul – até porque os membros da Patrulha da Noite minguaram com os anos. As incursões são, geralmente, de pequenos grupos, mas em pelo menos duas ocasiões ocorreram invasões organizadas e em massa: em 3.000 a.C. e em 226 (MARTIN; GARCIA JUNIOR; ANTONSSON, 2014). Ambas as vezes os invasores foram descobertos e enviados de volta Para Lá da Muralha por exércitos liderados pelos Stark - a lembrar, família que governa e tem a incumbência de proteger o Reino do Norte.

Essas populações que vivem ao norte da Muralha denominam-se Povo Livre, pois entendem-se livres por não serem sujeitas a lordes ou reis, diferente daqueles que vivem ao sul da Muralha, ao qual chamam de “ajoelhadores”, vistos pelo Povo Livre como homens sem liberdade. Em contrapartida, os westerosis - termo usado não para designar os moradores de Westeros, mas apenas dos Sete Reinos - veem os habitantes das terras Para Lá da Muralha como ladrões, assassinos e estupradores sem lei e chamam-os de “selvagens”.

Os “selvagens” e os patrulheiros, mais do que os nortenhos – termo usado não para designar os habitantes de todo o norte, mas apenas do Reino do Norte -, são os atores que concentram o foco deste trabalho. Os objetivos são mostrar a existência de grupos étnicos nas terras de Para Lá da Muralha e em que consistem suas fronteiras, à luz da perspectiva de Fredrik Barth; que o

patrulheiro que procura estudar os “selvagens” assemelha-se ao etnógrafo que vai a campo e, assim, as orientações e conflitos que cabem a este cabem também àquele, de acordo com abordagens de Roberto DaMatta e E.E. Evans-Pritchard; relacionar o “selvagem” de Westeros com o “selvagem” identificado por Adam Kuper; e analisar Westeros a partir dos conceitos de história cumulativa e de história estacionária apresentados por Lévi-Strauss.

Parto, então, do norte, cujas organização e história já são conhecidas. Nas terras de Para Lá da Muralha, o Povo Livre viveu por mais de 6.000 anos em isolamento. Este isolamento é quebrado com a interação de certos grupos com homens da Patrulha de Noite e com as invasões a terras ao sul da Muralha para roubar ferramentas, suprimentos, animais e mulheres, mas esses são encontros fortuitos, logo, não tira o Povo Livre de seu isolamento.

O que eram grupamentos esparsos dos Primeiros Homens, com o tempo, cresceu e deu origem a diferentes populações que se espalharam por todo o território Para Lá da Muralha, desde a fronteira da Muralha à fronteira das Terras de Sempre Inverno. Livre de reis, reinos e regras, fizeram suas leis e optaram por seguir aqueles que acharam que dignos – aqueles que quiseram seguir. Essas populações compartilham o/a:

- **Religião**, que é a fé nos Deuses Antigos;
- **Língua**, o Idioma Antigo dos Primeiros Homens, apesar de alguns grupos terem também dialetos próprios;
- **Raça**, uma vez que têm uma descendência comum e não há migrações Para Lá da Muralha, a não ser eventuais e individuais;
- **Desprezo pelos “ajoelhadores”**, principalmente pelos patrulheiros, os “ajoelhadores” mais próximos;
- **Valores**, como lealdade, palavra (aquele que não cumpre com a sua não é digno do Povo Livre) e apreço pela liberdade individual;
- **Desinteresse na propriedade privada**, pois entendem que os deuses deram a terra a todos;
- **Valorização da força física**, da habilidade de pegar em armas e de lutar;
- **Visão do incesto como um tabu** (o Povo Livre não usa a palavra “incesto”, difundida, porém, nos Sete Reinos). Acreditam que mulheres que se unem a irmãos, pais ou parentes ofendem os deuses e que os pais de crianças geradas por tais uniões são amaldiçoados com filhos fracos e doentios. Vale acrescentar que, para casar, os homens buscam mulheres de outras populações, pois acreditam que essas mulheres irão fortalecer seus grupos;
- **Desinteresse pelo casamento**, apesar deste existir. O desinteresse é explicado pelo fato de, entre o Povo Livre, sexo ou filhos fora do casamento não serem motivos de desonra (como o são nos Sete Reinos, à exceção, talvez, de Dorne);
- **Força como elemento de atração para o sexo oposto**. Tanto quanto traços físicos diversos, se não mais, são a coragem, ferocidade e valentia critérios de atração. Por exemplo, o homem que se interessa por uma mulher precisa “roubá-la” ou “sequestrá-la”, o que significa basicamente subjugá-la em uma luta armada. Se o homem vence a mulher, ela entende que ele é merecedor dela, pois é forte e bravo; se a mulher luta bravamente, o homem a tem em alto valor. Vale dizer que uma mulher não pode “roubar” um homem, apesar de poder “seduzi-lo” e, assim, induzi-lo a uma luta.

Cabe ressaltar aqui dois pontos. O primeiro que, diferente do que acontece nos Sete Reinos, entre o Povo Livre é comum tanto homens quanto mulheres lidarem com armas e guerrearem, apesar de nem todas as mulheres serem guerreiras. Cabem às mulheres decidir o que querem fazer, afinal, são indivíduos livres para tal.

O segundo ponto é que um único grupo do Povo Livre não compartilha com os demais a raça: os gigantes. Eles são descritos por Martin (2011a) como seres de 3 a 4 metros de altura, com pelagem cobrindo o corpo, cabeça grande e pesada, praticamente sem pescoço, membros

desproporcionais e pés largos, achatados e duros. Logo, seres fisicamente muito diferentes dos humanos. Tal diferença - portanto, a raça - não é um critério para incluir/excluir um grupo no/do Povo Livre. Povo, este, que compartilha tantos elementos, como língua, valores, religião... Eles não bastariam para classificar o Povo Livre como um único grupo étnico?

Os westerosis certamente classificam a sociedade de Para Lá da Muralha como única e uniforme. Para eles, os “selvagens” são todos iguais. E como os eventos d'As Crônicas de Gelo e Fogo são narrados predominantemente por personagens westerosis, faltam dados detalhados para descrever as diversas populações que vivem Para Lá da Muralha – e mesmo se houvesse esses dados, frente à certeza de que são centenas de grupamentos humanos nessa região, estudar todos eles demandaria um tempo enorme. Analisando os dados fornecidos com atenção, porém, é possível encontrar informações valiosas.

Sabe-se que o Povo Livre é formado por centenas de tribos, clãs, aldeias e grupos. Acredita-se que haja dezenas de milhares, se não centenas de milhares, de habitantes Para Lá da Muralha. Há os nômades e os sedentários, que vivem em aldeias ou vilas, morando em cavernas, tendas, casebres ou barracões construídos com os materiais que o norte oferece: pedras, madeira, gelo, couro, etc. Não há moeda nessas sociedades; algumas são baseadas na caça, na pesca, outras criam animais, determinados grupos praticam escambo e há ainda aqueles que tomam o que precisam para sobreviver. Há núcleos que reconhecem chefes e outros que existem em estado perpétuo de conflito, seja entre si ou com os outros grupos. Sabe-se, por exemplo, que há inimizade entre “os Cornopés e os Corredores da Noite, entre os homens-morsa da Costa Gelada e os clãs canibais dos grandes rios de gelo” (MARTIN, 2011a, p. 162).

No geral, o Povo Livre conhece pouco avanço técnico-material. Suas vestimentas são basicamente feitas de lã e couro, porém decoradas de formas diferentes de acordo com os grupos; por exemplo, usam-se ossos de inimigos ou pinturas variadas. As armas e ferramentas são esculpidas em pedra, ossos/chifres ou madeira, pois não dominam a metalurgia. Há conhecimento de um único grupo que maneje algum tipo de metal - no caso, o bronze - para fabricar utensílios: o povo Thenn, que vive na região de mesmo nome, próximo à fronteira com as Terras de Sempre Inverno. Os Thenn são, de certa forma, uma contradição entre o Povo Livre, pois acreditam que o líder tem direito natural, e não que a liderança deva ser conquistada por mérito (neste caso, merecer para o Povo Livre significaria vencer uma luta). Os Thenn têm um "Magnar", chefe considerado mais deus do que uma pessoa.

No ano 299, todas – absolutamente todas – as populações do Povo Livre encontram-se acampadas próximo ao limite com a Muralha. O personagem Jon Snow, ao se deparar com tal situação no livro “A Tormenta de Espadas”, fornece grande parte das informações conhecidas sobre os diferentes grupos que constituem o Povo Livre.

Havia fogueiras para cozinhar ao longo de todo o rio, entre carros, carroças e trenós. Muitos dos selvagens tinham erguido tendas, de couro cru, peles e feltro. Outros abrigavam-se atrás de rochedos, em toldos improvisados, ou dormiam debaixo de suas carroças. Junto a uma fogueira, Jon viu um homem endurecendo a ponta de longas lanças de madeira e atirando-as em uma pilha. Em outro ponto, dois jovens barbudos vestidos de couro fervido lutavam com varas, saltando um sobre o outro por cima das chamas, grunhindo toda vez que um golpe acertava o alvo. Uma dúzia de mulheres estava sentada ali perto, preparando flechas. [...]

Vislumbrou também mulheres dançando, e ouviu um bebê chorando, e um garotinho passou correndo diante de seu garrano, todo enrolado em peles e sem fôlego, por causa da brincadeira. Ovelhas e cabras vagueavam livremente, enquanto bois percorriam a margem do rio em busca de pasto. Cheiro de carneiro assado pairava no ar, vindo de uma das fogueiras, e em outra viu um javali sendo girado em um espeto de madeira. [...]

Jon nunca tinha visto tantos selvagens. Perguntou a si mesmo se alguém já teria. *O acampamento não tem fim*, refletiu, *mas é mais uma centena de acampamentos do que um só* [...]. Cada grupo, clã ou aldeia simplesmente acampou onde quis, assim que viu os outros parando ou encontrou um bom local. *O povo livre*. (MARTIN, 2011a, p. 76-77).

Desses trechos é possível observar diferentes meios de transporte, abrigos, armas, tecidos, animais criados, hábitos masculinos e femininos, alimentares, etc, do Povo Livre. Como o personagem observou, aquele acampamento era mais uma centena de acampamentos do que apenas um, pois a variedade de grupos e cenários encontrados ali era enorme. Contudo, mesmo assim é inviável vincular os citados hábitos, abrigos, meio de transporte, etc, a cada grupo que ali acampava. Por conseguinte, volto à pergunta: compartilhar elementos como língua, valores e religião não bastaria para classificar o Povo Livre em um único grupo étnico?

Possivelmente, se considerarmos “como característica primária dos grupos étnicos seu aspecto de unidades portadoras de culturas” (BARTH, 2000, p.29) e, assim, as diferenças entre os grupos passarem a ser vistas como diferenças entre inventários de traços. Nesta concepção, como aponta Barth (2000), a atenção concentra-se na análise da cultura em detrimento da organização étnica. Isto, porém, o autor critica.

Ele aponta que definir grupos étnicos passa por concentrar-se no que é socialmente efetivo, o que leva a um fator essencial: a autoatribuição e a atribuição pelos outros. A atribuição é étnica ao classificar a pessoa em termos de identidade básica; neste sentido, “quando os atores, tendo como finalidade a interação, usam identidades étnicas para se categorizar e categorizar os outros, passam a formar grupos étnicos” (BARTH, 2000, p.32).

Com este conceito em mente, analisemos outra passagem de “A Tormenta de Espadas” sobre o acampamento do Povo Livre:

E havia gente [...] vinda das regiões mais setentrionais da Floresta Assombrada, dos vales escondidos das Presas de Gelo e de lugares ainda mais estranhos: os homens da Costa Gelada, que seguiam em bigas feitas de ossos de morsa, puxadas por matilhas de cães selvagens; os terríveis clãs do rio de gelo, dos quais se dizia que se banquetevam com carne humana; os habitantes das cavernas, com o rosto pintado de azul, roxo e verde. Jon contemplara com os próprios olhos os homens de Cornopé, que avançavam a trote, em coluna, sobre pés nus que tinham solas duras como couro fervido. [...]

Jon calculava que metade da tropa dos selvagens passara toda a vida sem ver a Muralha, nem que fosse de relance, e, entre esses, a maioria não sabia uma palavra do Idioma Comum. Não importava. Mance Rayder falava o Idioma Antigo, até cantava nele, dedilhando o seu alaúde e enchendo a noite com música estranha e selvagem.

Mance tinha passado anos reunindo aquela vasta e lenta tropa, falando aqui com uma mãe de clã e ali com um Magnar, conquistando uma aldeia com palavras simpáticas, outra com uma canção e uma terceira com o gume da espada, fazendo a paz entre Harma Cabeça de Cão e o Senhor dos Ossos, entre os Cornopés e os Corredores da Noite, entre os homens-morsa da Costa Gelada e os clãs canibais dos grandes rios de gelo, fundindo uma centena de punhais diferentes numa única grande lança, apontada ao coração dos Sete Reinos (MARTIN, 2011a, p. 167).

Aqui são nomeados diversos grupos, clãs e aldeias do Povo Livre, descritos locais de origem, aparências e características. Algumas populações não se dão bem com outras, e, como citado, levou anos para Mance Rayder uni-las todas – na passagem descrita acima, Mance lidera o Povo Livre para uma investida contra a Patrulha da Noite a fim de chegar ao sul da Muralha. Há inimizade nesta sociedade, portanto, confundir os Cornopés com os Corredores da Noite seria ofensivo, se não letal. Como mal se toleram, estes dois grupos buscam se diferenciar, assim como outros buscam se diferenciar destes e dos demais pelos mais diversos motivos – orgulho, desprezo pelo outro, inimizade, etc. Para isso, assumem marcas que possam assinalar uma característica dos respectivos grupos ou identificá-los: pintam o rosto, usam armaduras enfeitadas com ossos de inimigos, “chapéus” com cabeças de cães mortos, etc. Logo, há uma autoatribuição e uma atribuição por outros que contribui para a formação de uma identidade, a partir da qual é possível uma organização social em grupos étnicos. Conclui-se, então, que na perspectiva de Barth há diversos grupos étnicos entre o Povo Livre.

Exame de identidades, fronteiras e grupos étnicos entre o Povo Livre

Barth (2000) apontou que as diferenças/semelhanças culturais pesam na categorização étnica, mas não são fatores definitivos; as características a serem levadas em consideração na categorização são aquelas que os atores consideram relevantes. Se, como apontou o autor, o conteúdo das diferenças étnicas pode ser relativo a sinais e signos manifestos e/ou a orientações valorativas, ousou dizer que para o Povo Livre, as diferenças concentram-se mais na primeira ordem. As distinções entre os grupos étnicos pesam mais na vestimenta, meios de transporte, formação das moradias e estilos gerais de vida do que em padrões morais. Tais diferenças contribuem para a formação do que Barth chama de fronteira social, que são “critérios para determinação do pertencimento, assim como as maneiras de assinalar este pertencimento ou exclusão” (2000, p. 34). Eles possibilitam a membros de um grupo interagir com outros sem perder suas identidades, que é o que acontece no acampamento do Povo Livre – e que já acontecia quando não estavam coexistindo em um acampamento, mas espalhados no território Para Lá da Muralha. Os Cornopés sabem que são Cornopés e sabem identificar quem também o é, assim como os Corredores da Noite possuem uma clara noção de quem são e de como reconhecer outros Corredores.

Todavia, interagir com um grupo étnico que não o seu não significa aceitação plena do outro ou anulação das diferenças. Por exemplo, entre o Povo Livre há os grupos canibais e os não-canibais (maioria). Um e outro interagem bem porque ninguém impede os canibais de comerem a carne do inimigo, sequer diz a eles para não comerem ou se intromete em seus hábitos. Isso se relaciona ao argumento de Barth que as áreas de conflito são neutralizadas com a limitação da interação nelas; logo, que a persistência de grupos étnicos em contato implica “uma estruturação das interações que permita a persistência de diferenças culturais” (2000, p. 35).

No geral, os integrantes dos grupos étnicos do Povo Livre orgulham-se de suas identidades e agem de modo a reafirmá-las. São, porém, um povo livre e, como tal, tem liberdade para trocar de grupo. Tal troca tende a ser movida por interesses pessoais, conflitos, ameaças, dificuldade de sobrevivência ou ainda pelo casamento - quando o homem “rouba” a mulher de outro grupo. Mas em que medida a incorporação em um grupo corresponde a uma mudança legítima de identidade étnica?

Barth (2000) argumenta que uma identidade étnica não sustenta-se quando a performance do indivíduo no grupo for muito inadequada comparada a de outros. Espera-se algo do indivíduo que ele não consegue cumprir, enquanto outros conseguem. Logo, a travessia das fronteiras étnicas – a mudança de identidade étnica - acontece realmente quando o indivíduo não tem condições de sucesso no grupo original e há outro no qual ele tem condições de sucesso e para o qual pode migrar.

Uma aplicação deste argumento está na figura de Mance Rayder - o citado personagem que levou anos para unir as populações de Para Lá da Muralha em um objetivo e, nesse processo, acabou ganhando respeito, lealdade e o papel de líder do Povo Livre. Mance era da Patrulha da Noite, portanto, um “ajoelhador”. Percebendo que não podia colocar em prática os valores da Patrulha - a performance dele tornou-se então inadequada -, procurou uma identidade alternativa. Atravessou fronteiras étnicas tanto quanto atravessou a fronteira para o norte da Muralha.

Observa-se, assim, que os grupos étnicos do Povo Livre não incorporam apenas ex-membros de outros grupos de seu povo, mas também aqueles que foram “ajoelhadores”. Desde que provem sua lealdade e seu valor, ou seja, que exerçam performances adequadas ao grupo, são aceitos.

O trabalho de campo de um patrulheiro

Pela análise de Barth (2000) é possível conceituar grupo étnico como um modo de organização social que manifesta uma identidade diferenciadora nas interações com outros grupos. Também é possível entender que identificação étnica leva em conta "sinais e signos manifestos" e

“padrões de moralidade e excelência pelos quais as performances são julgadas” (2000, p.32).

Assim, a Patrulha da Noite pode ser considerada um grupo étnico. Em termos de identidade, os patrulheiros identificam-se e são reconhecidos por só vestirem negro e têm de agir de determinada forma: não casam, não podem fazer sexo, sequer gerar filhos, tratam um ao outro como irmão (teoricamente, pois há conflitos individuais internos), não podem ter terras ou bens, abdicam de títulos e de suas famílias. O patrulheiro não é sujeito ao rei dos Sete Reis, que não tem influência nas terras da Patrulha, mas tem seu próprio líder, eleito por voto direto e que fica no cargo até a morte: o Senhor Comandante. É ele quem decide se um novo membro da Patrulha será:

- **Patrulheiro:** combatente e explorador das terras de Para Lá da Muralha;
- **Construtor:** pedreiros, carpinteiros, mineiros e lenhadores responsáveis pela manutenção de castelos, equipamentos e da Muralha;
- **Intendente:** responsável por transações comerciais, serviços do dia-a-dia, tarefas domésticas e de subsistência; os que sabem ler, escrever e somar tendem a ser direcionados a serviços "burocráticos" ou "intelectuais", como organização da biblioteca e de documentos.

As ordens são lideradas, respectivamente, pelo Primeiro Patrulheiro, Primeiro Construtor e Primeiro Intendente. Estes são nomeados pelo Senhor Comandante, a qual têm de obedecer tanto quanto qualquer outro patrulheiro o tem.

O homem juramentado deve viver no território da Patrulha, não podendo afastar-se de acordo com sua vontade. No passado, os 19 castelos construídos ao longo da Muralha eram habitados, mas com a queda do prestígio e do número de integrantes da Patrulha da Noite, os únicos em atividade passaram a ser Atalaiaeste do Mar, Torre Sombria e Castelo Negro – este último é o mais habitado, com cerca de 600 homens, e é cenário para As Crônicas de Gelo e Fogo.

O juramento à Patrulha pode ser feito em qualquer momento da vida do homem e não pode ser desfeito senão com a morte; quebrá-lo é entendido pelos westerosis como uma condenação à morte. Uma vez feito o voto, o objetivo de vida do patrulheiro torna-se manter os “selvagens” afastados e a Muralha intacta.

Assim, a patrulha é um grupo étnico em constante conflito com os que vivem Para Lá da Muralha. Estes, por sua vez, tendem a enxergar os patrulheiros com desconfiança e menosprezo, afinal eles são ajoelhadores e se interpõem entre o Povo Livre e tudo que eles podem roubar ao sul da Muralha – a Muralha em si também se interpõe entre o Povo Livre e o sul, mas ela não é um obstáculo na medida em que existem escaladores. Pode-se dizer, então, que “selvagens” e os “patrulheiros ajoelhadores” são inimigos.

Quando membros da Patrulha da Noite descobrem em que há milhares de “selvagens” acampados próximo à fronteira com a Muralha, querem saber o porquê. O que fez os diversos grupos saírem de seus respectivos – e muitas vezes, longínquos – territórios? Chegar e perguntar era inviável, pois significaria a morte. Sequestrar e forçar membros do Povo Livre a falar era uma opção, mas os patrulheiros estavam em menor número e acabaram encurralados. O que acontece então é que um patrulheiro termina infiltrado para coletar informações.

– [...] Faça o que lhe pedirem... Mas, no seu âmago, lembre-se sempre de quem e do que é. Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles, durante o tempo que for preciso. E observe.

– O quê? – Jon quis saber.

– Bem que gostaria de saber – Qhorin respondeu (MARTIN, 2011b, p.609-610).

A ordem de infiltrar-se é dada por Qhorin Meia-Mão a Jon Snow, que, assim como orientado, em um confronto com os "selvagens" anuncia seu (falso) desejo de abandonar a Patrulha e se tornar um membro do Povo Livre. Para ser aceito entre este povo - ser aceito *entre*, não *como um* membro do Povo Livre, o que demandaria tempo e muitas provas de lealdade -, ele se vê obrigado a matar

um "irmão" da Patrulha. Degola Qhorin - que seria morto de qualquer forma, pois estavam cercados - e ganha seu passe. A partir daí começam o processo de estudo do Povo Livre e uma série de conflitos internos para o personagem Jon Snow.

A partida de Jon para o acampamento selvagem pode ser comparada à partida de um antropólogo para o trabalho de campo. Aqui, apesar das motivações diferentes, patrulheiro e etnógrafo assemelham-se: ambos ingressam em uma nova sociedade para aprender intimamente sobre ela.

A orientação de Qhorin para Jon cavalgar, comer e lutar entre o Povo Livre relaciona-se com o que E.E. Evans-Pritchard chama de "observação participante" (2005, p. 246): dentro do possível e do conveniente, o pesquisador deve viver a vida do povo que estuda.

E Jon tenta viver a vida do Povo Livre. O começo é marcado pelo estranhamento e pelo choque - pois, como um westerosi e um patrulheiro, traz em si valores tais. Ele não fala o Idioma Antigo, mas a comunicação é facilitada porque é alocado em um grupo que também domina o Idioma Comum dos Sete Reinos. Encontra nesse grupo indivíduos que acreditam nele, que mostram-se abertos a ajudá-lo na transição para membro do Povo Livre e que, assim, explicam como as coisas funcionam e guiam-no naquele novo universo - Jon acha seus informantes.

Logo, há um esforço e um interesse do personagem para adequar-se àquela sociedade. Em algumas ocasiões ele fracassa, enquanto em outras obtêm total sucesso. Quando é bem-sucedido, recrimina-se e teme estar deixando de lado os valores de seu grupo (a Patrulha da Noite). Constantemente precisa lembrar a si mesmo quem é e o que deve fazer - aprender sobre os "selvagens" - apesar de sua lealdade ser uma dúvida ali.

Não pode se recusar, não importa o que lhe seja solicitado, tinha dito o Meia-Mão. Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles, durante o tempo que for preciso. E ele cavalgara, ao longo de muitas léguas, e caminhara mais ainda, partilhara o pão e o sal deles e também as mantas de Ygritte, mas ainda assim não confiavam nele. Os Thenn observavam-no noite e dia, alertas a qualquer sinal de traição (MARTIN, 2011a, p. 426).

Em análise ao trecho e às observações acima, evoco novamente Evans-Pritchard. O que ele elabora para descrever a situação do antropólogo em campo se encaixa também com a situação de Jon no acampamento:

É preciso reconhecer que há um certo fingimento em tais esforços de participação, e os povos que estudamos nem sempre os acolhem bem. Na verdade, entra-se numa outra cultura, mas ao mesmo tempo guarda-se uma distância dela. [...] O antropólogo vive simultaneamente em dois mundos mentais diferentes, construídos segundo categorias e valores muitas vezes de difícil conciliação (2005, p. 246).

Dividido entre esses dois mundos distintos, Jon descobre que Mance Rayder despendeu tanto trabalho e tantos anos para unir o Povo Livre porque viver Para Lá da Muralha não é mais seguro - os Outros estavam de volta - e que todos aqueles homens e mulheres iriam atacar a Muralha e a Patrulha da Noite com a ajuda de um instrumento lendário supostamente capaz de derrubar a imensa estrutura. Mais do que isso, ele aprende que há uma ordem no modo de vida do Povo Livre, entende os valores daquela sociedade e começa a admirar alguns daqueles homens e mulheres.

Cada dia passado entre os selvagens tornava mais difícil aquilo que tinha de fazer. Teria de arranjar alguma maneira de traír aqueles homens e, quando o fizesse, eles morreriam. Não desejava a sua amizade, tal como não desejava o amor de Ygritte. E no entanto [...] Jon começava a conhecê-los, apesar de não querer: o magro e calmo Errok, o sociável Grigg, o Bode, os rapazes Quort e Bodger, o Dan de Cãhhamo, o cordoeiro. O pior de todos era Del, um jovem com cara de cavalo e quase da mesma idade de Jon, que costumava falar em tom sonhador da garota selvagem que pretendia raptar (MARTIN, 2011a, p. 427).

A subjetividade de Jon infiltra-se no trabalho que ele precisa executar: seus sentimentos e

emoções. O que é isso, se não o anthropological blues apresentado por Robert DaMatta? Esses “aspectos extraordinários sempre prontos a emergir em todo o relacionamento humano” (2000, p. 156).

DaMatta classifica o anthropological blues como aquela área do sentimento e da emoção que se insinua na prática etnológica, mas que não estava sendo esperada. Surge para o antropólogo nas interações do trabalho de campo, assim como surgiu para Jon durante sua estadia no acampamento.

O Povo Livre visto de Westeros: os selvagens

Jon Snow, então, descobre o Povo Livre e desconstrói a ideia que tinha deles, baseada na perspectiva weterosi, com a qual cresceu – ele cresceu entre os Stark, a família nobre que governa o Reino do Norte. O que é dito sobre o Povo Livre nos Sete Reinos é dito, principalmente, por velhas histórias e canções, pois é raro o contato de alguém - que não o patrulheiro - com essa sociedade de Para Lá da Muralha. Logo, a concepção que circula por Westeros não é baseada em observações, mas em contos e lendas orais, como explicita o seguinte trecho.

Lembrava-se das histórias que a Velha Ama lhes contava à lareira. Os selvagens eram homens cruéis, dizia, escravagistas, assassinos e ladrões. Faziam amizade com gigantes e vampiros, raptavam meninas pela calada da noite e bebiam sangue por cornos polidos. E suas mulheres deitavam-se com os Outros durante a Longa Noite e geravam terríveis crianças meio humanas (MARTIN, 2010, p.15).

Pela passagem acima, observa-se que o Povo Livre é visto como um único grupo homogêneo - no sentido de terem os mesmos hábitos e ações -, formado por indivíduos cruéis, desonestos, que não respeitam as leis e a moral de Westeros, com costumes considerados bizarros e promíscuos. “Não era de admirar que os Sete Reinos considerassem o Povo Livre pouco acima dos animais” (MARTIN, 2011a, p. 161), como observa Jon Snow em seus primeiros dias entre o Povo Livre.

Assim, os homens e mulheres de Para Lá da Muralha são chamados selvagens e vistos como pouco mais do que animais. Essa concepção do indivíduo de uma cultura desconhecida e distante como um selvagem meio homem-meio animal é descrita n'As Crônicas de Gelo e Fogo, mas antes já havia sido descrita por Adam Kuper. Segundo o autor, selvagem:

significava rústico, não cultivado e não domesticado. Foi mais tarde utilizado para descrever pessoas grossas e violentas. Ao surgir na consciência da Europa com os primeiros relatos sobre os habitantes da América, o selvagem se misturou com os monstros da Idade Medieval, que combinavam traços humanos e animais, e possuíam até mesmo atributos dos demônios (2008, p.50).

Logo, há uma relação entre o selvagem westerosi com o do imaginário europeu do fim do século XV. Até o atributo demoníaco citado por Kuper está presente na ideia do selvagem dos Sete Reinos, afinal, segundo histórias, eles bebem sangue e cultivam amizades com vampiros.

Mas se o selvagem westerosi é esse ser animalesco e demoníaco, também é incivilizado na perspectiva abordada por Kuper. De acordo com o autor (2008), no século XVIII, o selvagem se tornou a antítese da civilização, entendida como aquela sociedade em que o avanço da razão/ciência levava ao progresso. Logo, a sociedade selvagem era aquela com ausência de razão/ciência. O Povo Livre, na visão westerosi, é uma sociedade sem razão: de pessoas sem leis, ignorantes (ou, antes, incapazes de pensar) e que acreditam em magia.

Os legados dos Primeiros Homens, Ândalos e Roinares

Observa-se, assim, que o etnocentrismo está presente em Westeros quando os Sete Reinos olham para os “selvagens”. O contrário também acontece, afinal a sociedade de Para Lá da Muralha

condena o modo de vida e despreza os “ajoelhadores” do sul.

Cabe aqui um parêntese. Se os westerosis cometem um erro ao homogeneizar as populações ao norte da Muralha, estas cometem o mesmo erro em relação a quem vive ao sul da Muralha. Há Sete Reinos em Westeros e, de forma simplista, é possível dividi-los em três grandes grupos: nortenhos, dorneses e os demais habitantes. Como esta análise concentra-se no Povo Livre, basta saber que essas três populações westerosis diferem consideravelmente entre si, porém não a ponto de considerarem-se sociedades isoladas – o cenário começa a mudar com o fim da Dinastia Targaryen e, principalmente, com o início da guerra pelo trono, mas até então havia unificação.

Diferenças e preconceitos à parte, fato é que os westerosis conhecem mais avanço técnico-material do que o Povo Livre. Dominam a mineração, metalurgia, tecelagem, cerâmica, navegação, moagem de grãos, agricultura de massa, tem um “sistema de correios”, são capazes de produzir livros, bebidas diversas, obras de arte, construir templos, castelos, edifícios variados, instrumentos musicais, de navegação e de guerra. Sem contar que têm uma “universidade” (Cidadela) com centenas de “intelectuais” (meistres) conhecedores de ciências e artes variadas: história, astronomia, economia, matemática, ferraria, medicina, etc. Assim, pode-se dizer que os Sete Reinos têm uma história cumulativa e o Povo Livre, uma estacionária?

Analisemos, primeiro, os conceitos de uma e de outra. Lévi-Strauss (2013) apresenta-os em uma análise da cultura ocidental, mas, creio, eles também podem ser aplicados a Westeros:

- **História cumulativa** como aquela progressiva, em que descobertas são incorporadas e/ou levam a outras, resultando em um efeito cascata de acumulação de achados;
- **História estacionária** como aquela na qual as descobertas não progredem de modo significativo em um intervalo de tempo que permita levar a novas descobertas.

Lévi-Strauss acredita que toda história é cumulativa, mas há diferença de graus. O que permite classificar uma sociedade como sendo tal ou qual é, segundo ele, o critério adotado. Este sistema de referência, por sua vez, pode ser perigoso, pois tende a ser acompanhado de uma visão etnocêntrica – valoriza-se aquilo que a cultura do observador valoriza.

Por conseguinte, em termos técnico-material, os Sete Reinos são uma cultura cumulativa, e a sociedade do Povo Livre, estacionária. Pensando em superação de uma geografia hostil, observa-se o contrário. Em comparação com a cultura ocidental analisada por Lévi-Strauss, os Sete Reinos saem na frente do Povo Livre.

Deve-se levar em consideração aqui um ponto fundamental: o isolamento do Povo Livre versus a combinação de culturas que resultou nos Sete Reinos. Este contou com uma série de eventos, conflitos e três grandes fluxos migratórios - Primeiros Homens, Ándalos e Roinares -, enquanto aquele é formado apenas por descendente dos Primeiros Homens, mantidos afastados pela Muralha. Uma convergência de culturas permite uma cumulação maior:

as culturas que conseguiram realizar as formas mais cumulativas de história [...] nunca foram o efeito de culturas isoladas, mas sim de culturas que combinaram, voluntária ou involuntariamente, seus respectivos jogos e [...] coalizões” (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 390-391).

Portanto, o isolamento ao norte da Muralha enfraqueceu a cumulação de culturas. Vale lembrar, porém, que o Povo Livre é formado por diferentes grupos, que combinam – uns mais, outros menos – seus conhecimentos e descobertas.

Em conclusão, acrescento que a passagem do Povo Livre para o território ao sul da Muralha certamente promoverá trocas entre essas populações, o que - somado ao fato de novos grupos partirem de Essos rumo a Westeros e à guerra iminente neste continente - resultará em mudanças drásticas dos Sete Reinos. Esta, porém, é uma história que ainda não foi escrita.

Notas:

¹ Disponível em: <<http://wiki.gameofthronesbr.com/index.php/Arquivo:Regions.png>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

² Disponível em: <http://wiki.gameofthronesbr.com/index.php/Arquivo:Seven_Kingdoms.png>. Acesso em: 26 jan. 2017.

³ Ano 300 d.C., abreviação esta que será omitida a partir de agora ao referir-se aos anos depois da Conquista; para os anos antes da Conquista, a abreviatura “a.C.” continuará sendo usada.

Referências bibliográficas:

BARTH, Fredrik. "Os grupos étnicos e suas fronteiras". In: LASK, Tomke (org.). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p. 25-67.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: Uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

KUPER, Adam. *A reinvenção da sociedade primitiva: transformações de um mito*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural dois*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MARTIN, George R.R. *A Guerra dos Tronos*. São Paulo: Leya, 2010.

MARTIN, George R.R. *A Tormenta de Espadas*. São Paulo: Leya, 2011a.

MARTIN, George R.R. *A Fúria dos Reis*. São Paulo: Leya, 2011b.

MARTIN, George R. R.; GARCIA JUNIOR, Elio M.; ANTONSSON, Linda. *O Mundo de Gelo e Fogo: A História Não Contada de Westeros e as Crônicas de Gelo e Fogo*. São Paulo: Leya, 2014.